

**FEMINISTA *IN VITRO*:**  
uma série do podcast Mundaréu como metodologia de pesquisa<sup>1</sup>

Fernanda Mariath<sup>2</sup>

**RESUMO**

Como é possível incluir a interseccionalidade, principalmente, questionamentos antirracistas, *queer* e feministas na pesquisa com células-tronco? Experimentamos a elaboração da série de podcast “Feminista *In Vitro*” como metodologia e caminho para responder essa pergunta. Neste relato de experiência de um exercício figurativo feminista, visitamos estruturas e organelas celulares, mapeando desafios e traçando soluções possíveis. Concluímos que para endereçamentos de questões que acolhem a diversidade e especificidades dos corpos femininos, e não femininos, nas tecnologias da saúde é necessária a inserção da categoria sexo e gênero de maneira robusta e séria na pesquisa biomédica.

**PALAVRAS-CHAVE**

Sexo; Gênero; Divulgação Científica

**CORPO DO TEXTO**

O corpo do homem branco, ao ser universalizado como paradigma na pesquisa biomédica, proporcionou uma sub-representação de mulheres e minorias étnicas na produção segura e efetiva de tecnologias da saúde (Castro e Fleischer, 2020). De células, a animais e a pacientes, os modelos definidos como masculinos são priorizados (Garcia-Sifuentes e Maney, 2021). Desde 2016, é obrigatória a inclusão de “ambos os sexos” em modelos experimentais em pesquisas financiadas por uma importante agência norte-americana (NIH, 2016). Será que é um caminho para avanços na saúde das mulheres e de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT 2 Gênero, Raça e Interseccionalidades no podcast narrativo, integrante da programação do Vozes em Órbita – I Encontro Nacional de Podcasts Narrativos, realizado de 29 de setembro a 01 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas e Farmacêutica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

corpos diversos? A interseccionalidade, incluindo questionamentos antirracistas e *queer*, é possível de ser incluída?

A pesquisa da antropóloga Daniela Manica (2018, 2022), minha orientadora no mestrado, com as células mesenquimais do sangue menstrual (CeSaM) foi o ponto de partida. As CeSaM ressaltam contradições nessa problemática ao evidenciarem a desconfiança do campo biomédico em um modelo percebido como feminino. As células-tronco são um ótimo recorte para a discussão de sexo e gênero na pesquisa biomédica, porque estão presentes desde a pesquisa básica à clínica. O meu objetivo é questionar se o sexo da célula-tronco faz diferença, tensionando a forma como a diferença sexual das células é mobilizada pelos experimentos. Experimentamos a elaboração de uma série de podcast, intitulada “Feminista *In Vitro*”, como metodologia na minha dissertação de mestrado. A série foi organizada em torno de um exercício de figuração feminista (Haraway, 1997, 2000, 2023; Roy, 2018; Costa, 2024) de uma viagem de dentro para fora da célula. Acionamos como materiais: estudos feministas, um mapeamento de diferenças entre os sexos em células-tronco e entrevistas realizadas com pesquisadores da área.

Ao visitar as estruturas celulares, encontramos e traçamos diversas possíveis soluções, como os modelos *queer*; o aumento do rigor nas publicações; a utilização de variáveis mensuráveis relacionadas ao sexo (Pape et al, 2024); a postura antidualista quanto a sexo e gênero das neurofeministas (Nucci, 2018); e o desenvolvimento de tecnologias da humildade (Benjamin, 2013). Concluímos que para endereçamentos de questões que acolhem a diversidade e especificidades dos corpos femininos, e não femininos, nas tecnologias da saúde é necessária a inserção da categoria sexo e gênero de maneira robusta e séria na pesquisa biomédica. O que só parece possível através do diálogo interdisciplinar com os estudos feministas.

Propomos que a série “Feminista *In Vitro*”, cujas passagens e estrutura modularam a construção narrativa da dissertação, e orientaram metodologicamente a análise e organização dos seus resultados pode também ser utilizada como ferramenta para o diálogo interdisciplinar entre a pesquisa biomédica e os estudos feministas. A série é uma reapresentação da minha dissertação, em um formato sonoro adaptado e dialogando com todo o conteúdo apresentado. Apesar de sua publicação ser posterior à defesa, a sua



elaboração foi parte fundamental como encaminhamento metodológico da pesquisa. A minha orientadora Daniela Manica coordena a produção da série junto comigo. A série será lançada no dia 18 de fevereiro de 2026 pelo Podcast Mundaréu.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Ruha. **People's science: bodies and rights on the stem cell frontier**. Stanford (Calif.): Stanford university press, 2013.

CASTRO, Rosana; FLEISCHER, Soraya. Scientific policies and ethical economies in the development of vaccines against Zika. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 22, n. 2, p. 63–95, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/67197>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

COSTA, Clarissa Reche Nunes da. **Manchando**: (o que) fazer (com) a menstruação. Estratégias e experimentos para vazar questões feministas através das tecnociências. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2024.

GARCIA-SIFUENTES, Yesenia; MANEY, Donna L. Reporting and misreporting of sex differences in the biological sciences. **eLife**, v. 10, p. e70817, 2021. Disponível em: <<https://elifesciences.org/articles/70817>>. Acesso em: 1 fev. 2025.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Modest\_Witness@Second\_Millennium.FemaleMan©Meets\_OncoMouse: feminism and technoscience**. New York: Routledge, 1997.  
\_\_\_\_\_. O manifesto ciborgue. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.  
\_\_\_\_\_. **Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthluceno**. Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2023.

MANICA, Daniela Tonelli. Estranhas entranhas: de antropologias, e úteros. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 10, n. 1, p. 22–41, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5852>>. Acesso em: 8 fev. 2025.

MANICA, Daniela Tonelli; ASENSI, Karina Dutra; MAZZARELLI, Gaia; *et al.* Gender bias and menstrual blood in stem cell research: A review of pubmed articles (2008–2020). **Frontiers in Genetics**, v. 13, 2022. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fgene.2022.957164>>. Acesso em: 12 set. 2023.

NUCCI, Marina Fischer. **"Não chore, pesquise!"**: reflexões sobre sexo, gênero e ciências a partir do neurofeminismo. 2015. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

PAPE, Madeleine; MIYAGI, Miriam; RITZ, Stacey A.; *et al.* Sex contextualism in laboratory research: Enhancing rigor and precision in the study of sex-related variables. **Cell**, v. 187, n. 6, p.



1316–1326, 2024. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0092867424001740>>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ROY, Deboleena. **Molecular Feminisms: Biology, Becomings, and Life in the Lab.** Seattle: University of Washington Press, 2018. (Feminist technosciences).